

PAGINA OVAL
Dedicada ao Valle



— O Valle, o Valle sem igual, o Valle que não tem rival no seu officio, co'o beneficio, o Gymnasio hoje enche o Valle; e p'ra vel-o, ao Valle, ao tal, vale a pena, o sacrificio?... — Pois não vale?! Olé se vale!

A SEMANA

Ha uns dramas de molde antigo em que a ingenua e o galã andam de Herodes para Pilatos perseguidos por um tyranno de suissas arruivadas e que, apesar de inimigo figadal, não tem figado, nem coração, nem muela, nem cousa alguma, e que não deixa os desditosos amantes comer sequer o bocadinho descansados, ameaçando-os de cinco em cinco minutos com ciladas, e incendios, e naufragios, e derrocadas, e cavallos com o freio nos dentes, e tudo emfim quanto lhe suggerem a sua imaginação infernal e as suas suissas arruivadas!

O espectador chora a bom chorar durante quatro actos e um prologo pela sorte das infelizes creanças, se bem que já tenha a certeza, logo aos primeiros compassos da symphonia de abertura, de que todas aquellas contrariedades são apenas para matar tempo, porque a virtude hade fatalmente, por volta da meia noute e meia hora, confundir o vicio, indo os felizes amantes, com escala pelo egreja dos Martyres, passar o resto de seus dias n'um bonito segundo andar da travessa da Parreirinha, emquanto o homem das suissas ruivas irá, com escala pelo governo civil da mesma travessa, morrer podre de bichos e de miseria na enxovia do Limoeiro — se não se dedicar n'aquelle estabelecimento á industria da moeda falsa, porque então morrerá podre de rico...

* *

As reformas politicas, approvadas na camara baixa e em debate na camara alta, são, como todas as discussões d'aquellas casas de parlamento, uma imitação perfeitissima dos dramas de que vimos de fallar.

O galã *Governo* e a ingenua *Maioria* empenham-se n'um bico d'obra qualquer que lhe faz subido arranjo para a politica dos ditos; o tyranno *Opposição* levanta-se indignado contra aquelle innocente empenho e passa uma semana a atirar pedras á pucara da ingenua e do galã; mas o citado bico lá vae sempre encontrando furo, a despeito de tantas pedras, e, quando mesmo lhe succede dobrar-se em anzol, mais facilmente então *Governo* e *Maioria* podem pescar nas aguas turvas, ainda que o caso lhes faça dar agua pelas barbas.

Como n'aquelles dramas, estes bicos d'obra teem sempre o mesmo desfecho, ainda que os enredos sejam variados. A differença consiste apenas em que nos theatros os bilhetes são pagos á bocca do cofre ao passo que nas galerias da camara a entrada é gratuita para mais tarde ser paga com custas e sellos do processo...

* *

Diga-se comtudo em abono da verdade, que a representação da grande peça de espectáculo intitulada *Reformas Politicas* tem valido bem o dinheirinho que ha de custar; e tem-n'o especialmente valido pelos merecimentos do actor Principe Valido...

Este afamado artista não tem genero definido; trabalha em todos os papeis com igual perfeição e igual naturalidade. Na camara dos deputados, por exemplo, sabe conservar a gravidade de gesto e a solemnidade de phrase que lhe impõe a sua qualidade de professor d'aquelle collegio de meninos; falla de sobrolho carregado, faz poses demagogicos, tem citações latinas, assoa-se com circumspecção, cumprimenta por cima do hombro,

«Puxa o colarinho

E marcha imponente»

como dizia o Taborda nos *Effeitos do vinho novo*...

Na camara dos pares é o mesmo professor, mas em familia; sente-se á vontade, está com a sua gente, com a velhada, e por isso escancára a alma ao grande gaudio das manifestações patuscas; é alegre, é jovial, é galhofeiro; tem bons ditos, faz interrupções humoristicas, accodem-lhe ápartes engraçadissimos; brinca, salta, faz caretas e só não mostra os dentes porque os não tem. Quem observa a facilidade com que elle muda de gesto, de physionomia e de voz, do drama da camara baixa para o entremez da camara alta, chega a parecer-lhe que está vendo o Taborda no *Amor pelos cabelos*... No genero comico só tem um competidor no seu collega Chancelleiros, que tambem dispõe de facécia capaz de fazer rebentar de riso uma viuva de tres semanas. No monologo da ultima semana foi um verdadeiro Taborda a fazer o *José do Capote*...

Em summa, Tabordas não nos faltam, com a differença que o do Gymnasio sempre nos ha de fazer rir ao passo de que os do parlamento acabam um bello dia por nos fazer chorar lagrimas como punhos...

PAN.



NO PAIZ DO SYNDICATO

A lei da concorrência vae-se estendendo a todos os misteres da vida humana. Não contente de presidir a todas as nossas relações da actividade productora, ella vae ganhando terreno até pelas regiões mais altas do espirito. Agora, na quaresma, a concorrência anda a esbravejar pela metaphysica!

Não nos faltaria muito para vermos a rivalidade pronunciar-se até pela santa familia, se não fosse a opportuna intervenção das cartilhas, que estatuem positivamente, claramente sobre as obrigações, deveres e direitos da Santissima Trindade. Esta intervenção era tanto mais necessaria, quanto era manifesta já a lucta entre diversos personagens, do olympo christão. Antigamente por exemplo, havia apenas uma grande festa a S. Vicente, advogado dos meninos com bexigas. Oh! era uma grande festa aquella! Assistia até o bispo! Á tarde todas as bellas amas, repolhudas e muito ensabuadas, acudiam com os *babies* á Sé. No terreiro e no atrio os mais bellos exemplares da milicia portuense arrastavam a aza, isto é, a espada pelos lagedos, fazendo conquistas ali, como os seus antepassados as faziam acolá, na Africa, na India. E aquillo era uma pingadeira continuada (porque não é licito duvidar do muito amor que o Porto teve sempre pelas coisas divinas), uma pingadeira continuada de vintens, de patacos, de tostões nas bandejas dos pedintes.

A confraria de S. Vicente alegrava-se toda com o successo, não sei porque; que diabo de relação poderia haver entre os milagres do santo e o gaudio da confraria? Mas não podia ser eterna aquella felicidade. Camões, fallando na pouca duração das bellas coisas, legislára até para as solemnidades ruidosas da egreja. O espirito da concorrência rompeu abruptamente pelo mercantilismo catholico; annunciou-se que outro S. Vicente principiaria

a ser celebrado na igreja de S. Francisco, com sermão e mais apparato. No dia seguinte á festa dizia toda a rua das Congostas: «O S. Vicente de S. Francisco foi o diabo que appareceu ao S. Vicente da Sé.» Porque, na verdade, a pingadeira teve de se dividir, acompanhando a tropa e as bellas amas repolhudas, que manifestaram logo a sua preferencia pelo ultimo S. Vicente, que era mais novo, talvez mais forte quanto a milagres.

Prova isto que a concorrência em materia religiosa segue as mesmas fluctuações que em materia civil, devendo o Conselho Geral das Alfandegas entrar em pouco pelo dominio do dogma.

Mas em epocha alguma do anno esta justissima concorrência se patenteia mais claramente do que na quaresma. A aristocracia tem um grande amor pelas solemnidades luctuosas que se seguem ao carnaval. A porta das igrejas ha um borburiño de lacaios, uma onda de elegancia... como á porta do theatro de S. João em noites de opera nova. (Citamos de memoria, porque o Porto não tem companhia lyrica desde que a nossa *fashion* começou a jogar em fundos hespanhoes). Mas o demo das rivalidades já se introduziu n'esta serenidade beatifica. Sé, S. Bento, S. João Novo andam á pancadaria na faina. O padre Couto que é da ala de S. Bento já annuncia os seus sermões nos jornaes diarios, a 20 réis a linha; mas o padre pregador de S. João protesta contra o Couto e vae botar bando pelas ruas, com musica e personagens a cavallo.

Ora que a paz se restabeleça quanto antes no regaço da santa madre é o que mais desejamos.



Indo o Correia de Bartos
A passear pela rua
É tudo risos, pigarros,
Indo o Correia de Barros.
Param mulher's, param carros,
Param o sol e a lua,
Indo o Correia de Barros
A passear pela rua.

É que não ha mais formoso,
Nada mais rico e gentil,
Que o presidente garboso
É que não ha mais formoso.
Quando passeia dengoso
Cantam as aves de abril.
E' que não ha mais formoso,
Nada mais rico e gentil.

A cotovia chilreia,
Desvanecida, o seu nome;
Quando lhe corre de veia
A cotovia chilreia.
As freiras fazem geleia
Logo que mal elle assome.
A cotovia chilreia,
Desvanecida, o seu nome.

Homem feliz como aquelle
Deve viver de gaiola,
Para que nunca se rele
Homem feliz como aquelle,
Para que a morte o não gele,
Nunca lhe lance uma bola,
Homem feliz como aquelle
Deve viver de gaiola.



Na semana passada um soldado de infantaria n.º 10, desfechou duas vezes, contra um capitão, no quartel, mas não feriu o alvo. E ha ainda quem diga mal da nossa organização militar! E ainda ha quem censure a falta de escolas de tiro e affirme que o nosso soldado é incapaz de matar um homem na guerra! Oh! santa ignorancia, se não fosses tu, o capitão de infantaria n.º 10 estaria a estas horas morto e enlutada a historia do nosso exercito por um horriavel crime! Mettam nas mãos do soldado uma enxada e verão se elle acerta ou não no rego. N'estas trez linhas nós acabamos de apresentar uma utilissima reforma do exercito.

JOÃO BRÔA.

TANTO LIVRO!...

Da discussão do tratado
Que se fez com *John Bull*
Foi tudo escripto, exarado,
Nas folhas d'um *livro azul*.

Despezas, á nossa custa
Quando houver qualquer barranco;
— Foi p a -á Santa Justa
Escripto no *livro branco*...

Int'resses, p'ra a Gran Bretanha;
— Segundo corre o boato,
Não sendo o caso patranha,
Vide *livro côr de rato*...

De quanto temos no Zaire
Vamos ficar á piranga...
— Mas sem desdoiro ou desaire,
Diz o *livro côr de ganga*...

P'ra que, de eterno jejum,
O porvir se nos antoje,
Falta um livro, apenas um:
Côr de burro quando foge...

Sobram livros á porfia;
Só me falta agora ver,
Com tão vasta livraria
Irmos nós ficar a *lêr*...

De tantas cor's se guarnecem
O' *John*, os *livros* que espalhas,
Que taes *livros* se parecem
Com *livrinhos* de mortalhas...

Creio, leopardo carniv'ro,
Que os laços tenhas armados
E nas *mortalhas* do *livro*
Fiquemos nós *embrulhados*...

PAN.

A BANAL

Friso para o monumento oferecido a Lopo Vaz



Lopinho Vaz de Sampaio e Mello, cohevo do patriarcha Basorra de chorada memoria, elaborou um código Limociro, não só por quantas bregeirices venha a fazer, como ainda pelas que já haja feito desde o tempo paginasinha, se bem que reconheça ser ella ainda insignificante para os seus merecimentosinhos.

em que o Antonio Maria é contemplado com um artiguinho especial, para os effeitos de bater com os ossos no andava ao collo da ama. O Antonio Maria sabe ser grato á distincção de Lopinho Vaz e offerta-lhe em troca esta

SEMANA PARLAMENTAR



O governo, esta semana, jogou na *alta*.—Ou jogou sem palpite, ou quiz arruinar-se á força. Com menos desastres teem ficado desacreditadas as melhores firmas das praças mais respeitáveis.

Isto de *alta* e *baixa* não é só linguagem de bairrista licencioso, e de jogadores de bolsa e de correctores de fundos — é também linguagem parlamentar.

No parlamento ha duas camaras, que se distinguem com aquelles adjectivos de medição. O emprego, porém, d'essas palavras não é indicado pelos dictionaristas auctorizados, é filho d'uma convenção ou d'um acaso, cheio de ironia picante.

Chama-se á camara dos pares — *camara alta* — pela mesma razão graciosa por que se chama *mil homens* ao general Macedo — *fidalgo* ao visconde de Gandarinha, *erudito* ao Luciano Cordeiro, e *constituente* ao José Dias.

As cousas e as pessoas, na politica, adjectivam-se—por loteria. É como se joga o loto e se sorteiam obrigações amortisaveis. Põe-se muitos nomes em muitos papelinhos, ou esferas, mettem-se na roda, dá-se á manivela e o que sahiu, sahiu. Sahem muitos constituintes, muitos regeneradores, muitos progressistas, muitos radicaes, muitos illustres, muitos sabios, muitos nobres; apenas o que não sae — são nomes feios.

No parlamento, então, dá-se exactamente a mesma coincidência que se dá com os cantores.

Veja-se o theatro de S. Carlos. Aparece um homem que começa na ribalta e acaba nas gambiarras; o sr. Rapp, por exemplo! Esse é o *baixo*.

Veja-se S. Bento.

Aparece uma camara repleta de mumias e de insignificancias — representando — ou as burras da sua riqueza ou os burros do José Agostinho — Essa é a *alta*.

A nomenclatura politica, ás vezes, por um esforço inexplicavel, consegue ser verdadeira e sincera: é quando chama aos proceres illustres — os *grandes* do reino. — O privilegio poz-lhes estes nomes e fez bem, porque, na verdade, elles são *grandes* como o privilegio que os poz.

Por um descontentamento mal entendido, pensa-se agora na reforma] d'essa camara — e não sabemos se ha ideia de a converter em camara optica — para diversão dos feirantes da vida publica, ou em camara ardente das instituições que ella representa. Alem de camara alta, a verdade é que é também camara escura, onde, como succede na photographia, as imagens do mundo externo ali se reproduzem — de pernas para o ar.

Os defensores d'essa camara sustentam que ella não faz mal, porque não faz nem desfaz, não põe nem dispõe. Esta mesma qualidade tem seus contras — ha n'ella o que quer que seja de pantanoso, e nos pantanos o peor apparece quando lhe mechem.

Não lhe mechem, senão é cada vallada que tresanda. Aquella superficie de calvas espelhentas desperta talvez o desejo de as revolver com a ponta da critica, mas mal ella se enruga, saltam do fundo um formigueiro de Rios Maiores, que é da gente fugir a sete pés.

Um formigueiro, sim senhores!

Rio Maior, não é um homem, nem um par, é uma especie inteira. Reproduz-se como os gafanhotos e subdivide-se em subterraneos e alados como o phylloxera.

Eu ha muito que andava desconfiado de que na camara, *baixa* havia o *rio-maior-morbus* da camara *alta*, e o acaso deu-me noções claras da transformação do animalculo.

Quando vi na tribuna o nobre representante da Misericordia e de Pidal, pareceu-me que já tinha visto aquella cara n'outro corpo. E não me enganei. O sr. conde tem o dom da ubiquidade, e na reincidencia das suas aparições lembra a historia dos tres corcovados de Setubal.

Um dia o illustre par corta a pera, encolhe as pernas, augmenta a calva, puxa a golla, e vae para os deputados aos saltinhos, para defender a religião do estado — chama-se então — José de Saldanha!...

N'outro dia põe a pera, estica as pernas, reduz o cabeção, e vae para os pares defender a hereditariedade — chama-se então — de Rio Maior.

As vezes, nas revoluções das calvas também apparece alguma cousa valente, franca, audaciosa — é a dynamite da reacção.

Eu vou explicar este ponto.

Os privilegiados são peiores que os nihilistas, e os seus expedientes compadecem-se tão pouco do sr. Fontes quanto de qualquer hereje ou christão novo.

Mal se pensou em reforma, os proceres reuniram-se e resolveram collocar o sr. de Chancelleiros em logar, que mal o governo abrisse o debate, o nobre par explosisse, por forma que o governo ficasse no estado em que ficou o palacio de Inverno, do czar da Russia,

Ora; a este respeito é que ha diversas opiniões: que rem uns que a explosão planeada não tenha por fim destruir o edificio, mas fazer n'elle um *alçapão*, e outros que a surpresa era simplesmente galante e propria do carnaval.

Pelo que se vê a differença é grande; ou o sr. de Chancelleiros se nos mostra em estado de explosão surgindo d'uma machina infernal, ou, de cabello hirsuto e braços de fantoche a levantar a tampa d'uma quincalharia de basar.

Em qualquer dos casos o nobre par foi a unica cousa nova que veiu á flor d'aquella privilegiada velhice.

Tudo que entra n'aquella casa se faz velho — até a *reforma*, só porque ha quatro dias respira aquelle athmosphera já está mais velha do que a camara de que trata.

O sr. Fontes, então, em lhe cheirando a velha, não a larga.

S. ex.^a é um S. Gonçalo das instituições.

Mas para que estamos explicando o que é o sr. Fontes?

O sr. Thomaz Ribeiro é quem conhece sua ex.^a e o define com precisão, e sem favor.

Disse o illustre relator:

Ha duas maneiras de ir na frente dos soldados, (o que equivale a dizer — de levar os soldados por traz): ou sendo empellido, ou puxando por elles.

No segundo caso é-se general, no primeiro é-se tambor-mór.

O sr. Fontes é o general!

E eu a chamar-lhe S. Gonçalo! S. Gonçalo um homem de quem se pôde dizer os conhecidos versos de Garrido:

*tem a certeza que é homem
que nunca foi tambor-mór.*

E mais ainda!

Que até sabe que os tambores-móres nada fazem aos soldados; nem se quer puxam por elles!...

JUSTUS.





A Real academia de amadores de musica vae effectuar proximamente um concerto commemorando o centenario de Beethoven. Deve ser uma festa esplendida, a ajuizarmos pelo concerto de inauguração realisado ha dias no salão da Trindade por aquella Academia. A excellencia do repertorio e a finura correctissima da execução revelaram o alto merecimento e o profundo estudo musical d'aquelle grupo de amadores, tão distinctos com distinctos professores. Que a vontade lhes não fraqueje e que o publico os incite, auxiliando-os, é o que de todo o coração lhes desejamos não só para honra da arte nacional como ainda para regabofe dos nossos gulosos ouvidos.

Dois tratados, ambos de proveniencia ingleza, appareceram ultimamente entre nós. Um d'elles, o do Zaire, apresentado pelos nossos diplomatas, funda-se no deploravel esphacelamento moral e politico da sociedade portugueza, e é mais um impulso que recebemos para o abysmo que espera as nacionalidades caducas. O outro, o Tratado da Educação de Herbert Spencer, traduzido por Emygdio d'Oliveira, tem por base a moderna sciencia psychologica e por mira o desenvolvimento de uma raça forte e intelligente, e guia-nos no caminho da nossa regeneração progressiva.

O livro de H. Spencer, o primeiro pensador dos tempos modernos, encerra uma doutrina solida e fortificante, onde o bom senso e *humour* se dão as mãos para encantarem e excitarem constantemente a intelligencia, não a furtando ao exercicio das suas faculdades criticas.

O trabalho do nosso compatriota é uma verdadeira obra prima, como interpretação e como linguagem, na qual se vencem todas difficuldades que offerece traducção de uma obra d'este alcance. Foi um serviço prestado ao paiz; e, se o nome do sr. Gladstone fica na sombra ao pé do grande nome de H. Spencer, esperamos que o sr. Fontes esconda tambem o rosto, envergonhado pelo trabalho de Emygdio d'Oliveira.



O cavallo *Mignon*, rifado em o beneficio de Henrique Diaz, saiu ao nosso afortunado amigo Santos, do magnifico armazem de correeiro e selleiro á rua Nova do Carmo. E digam lá que a Fortuna é cega... Ao menos, nas mãos do seu novo possuidor, nunca poderão faltar ao *Mignon* boas cilhas para a barriga e bom chicote para o lombo.

Deus queira que quando o Zé Povinho for rifado saia tambem ao Santos para lhe não faltarem com a albarda, coitadinho...



Na camara dos pares o sr. conde de Castro chamou a attenção do governo sobre a noticia de que a Inglaterra impedira a importação de gado de Portugal. Naturalmente a Inglaterra, que nos quer impingir uma fita de terreno com dois palmos de largura em troca dos milhares de leguas de terreno que era nosso, tem receio de que Portugal se vingue impingindo-lhe por seu turno os cavallos de raça com que o Tony Grice faz o trabalho *Tandem* no Coliseu dos Recreios



Ao ex.^{mo} sr. conselheiro
Lopo Lérias de Sampaio Tyranno



É medonho o Lopo Vaz,
Sampaio e Mello é terrivel,
E em Mello parece incrivel
O que este Sampaio faz.

Vaz Mecenas de barbeiros
Lopo Pericles da Alfandega,
Metteu-se agora na pandega
De dar caça aos meetingueiros.

Lopo Augusto da Instrucção,
Vaz xiv da Justiça,
Quer, Sampaio de cortiça,
Fazer de Mello Catão.

Anda verde, anda amarello,
Côr de burro, solferino;
Accommoda-te, menino,
Lopo, Vaz, Sampaio, Mello.

Sampaio Vaz transmontano
Lopo Mello de Alijó
Quer ser Lopo de Tyranno
Sampaio de Bernabó!

Ah! Lopo Sampaio Vaz!
Ah! Sampaio Lopo Mello!
Quem te fez tão ferrabraz?
Quem te deu tamanho pello?

Como é que Lopo Barbeiro
É Sampaio tão pelludo?!
Será por Mello Bregeiro
Se ter feito Vaz Entrudo?

Vaz Pierrot de Pantana,
Mello Chéché da Justiça,
Afia a espada de cana
Para matar a carriça.

Quem te fez tão Lopo Lérias?
Quem te fez tão Vaz Trapola?
Ó Sampaio das Misérias,
Ó Mello da Carambola?

ZUPA.

Por falta de espaço somos obrigados a retirar uma correspondencia de Santarem, relativa aos trabalhos da commissão phylloxerica que esteve n'aquella cidade, devendo essa correspondencia ser publicada no proximo numero.

CAMARA DE VELHAS



Uma velha saramacotelha corambelha pegou n'um páu saramacotau corambau e deu no Fontes saramacotontes corambontes que o fez em isca saramacotisca corambisca...